

MEDO SECO: INTERPELAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS DE UMA EXPERIÊNCIA ONÍRICA¹

Pedro Ainis Malischesqui PAEGLE²

Bruna Ferreira de OLIVEIRA³

Jaquelina Maria IMBRIZI⁴

Resumo

A pandemia de COVID-19 foi um acontecimento que nos colocou em um estado de tensão extrema entre vida e morte, típica de situações de catástrofe. Tais situações causam impressões traumáticas singulares que foram agravadas por um governo que exercitou a necropolítica em solo brasileiro. Apostamos no trabalho onírico como uma tentativa de figurar o inapreensível dessa nova realidade. O objetivo do artigo é apresentar os resultados parciais de uma pesquisa de Iniciação Científica que analisou os sonhos coletados em ação extensionista universitária. O nosso método foi o de estabelecer aproximações entre o relato de um sonho, a entrevista realizada com a sonhante e as reverberações sociopolíticas articuladas ao contexto pandêmico. A análise dos dados produzidos destacou o processo criativo inerente às narrativas oníricas que, assim como a invenção artística, coloca em movimento cadeias associativas que levam a processos de significação, elaboração e produção de sentidos.

Palavras-chave: Sonhos; Pandemia; Política; Arte; Psicanálise.

1

DROUGHT FEAR: SOCIOPOLITICAL INTERPELLATIONS OF AN ONIRIC EXPERIENCE

Abstract

The COVID-19 pandemic was an event that placed us in a state of extreme tension between life and death, typical of catastrophic situations. Such situations cause unique traumatic impressions that were exacerbated by a government that exercised necropolitics on Brazilian territory. We rely on dream work as an attempt to represent the elusive nature of this new reality. The aim of this article is to present the partial results of Scientific Initiation research that analyzed the dreams collected during a university extension project. Our method was to establish connections between the dream narrative, the interview conducted with the dreamer, and the sociopolitical reverberations articulated with the pandemic context. The analysis of the produced data highlighted the creative process

¹ Pesquisa financiada pelo programa Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) da Universidade Federal de São Paulo de 2021 a 2022.

² Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), câmpus Baixada Santista, Santos, SP, Brasil. E-mail: pedro.paegle@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3099-147X>

³ Universidade de São Paulo (USP), Instituto de Psicologia, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: oliveira.bruna@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1081-8469>

⁴ Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), câmpus Baixada Santista, Santos, SP, Brasil. E-mail: jaquelina.imbrizi@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0950-6174>

inherent in dream narratives, which, like artistic invention, sets into motion associative chains that lead to processes of meaning-making, elaboration, and production of sense.

Keywords: *Dreams; Pandemic; Politics; Art; Psychoanalysis.*

MIEDO SECO: INTERPELACIONES SOCIOPOLÍTICAS DE UNA EXPERIENCIA ONÍRICA

Resumen

La pandemia de COVID-19 fue un acontecimiento que nos puso en un estado de tensión extrema entre la vida y la muerte, típico de situaciones catastróficas. Tales situaciones causan impresiones traumáticas singulares que se vieron agravadas por un gobierno que ejerció la necropolítica en suelo brasileño. Apostamos en el trabajo onírico como un intento de figurar lo inalcanzable de esta nueva realidad. El objetivo de este artículo es presentar los resultados parciales de una investigación de Iniciación Científica que analizó los sueños recolectados en una acción de extensión universitaria. Nuestro método fue establecer aproximaciones entre: el relato de un sueño, la entrevista realizada con el soñante y las reverberaciones sociopolíticas articuladas al contexto pandémico. El análisis de los datos producidos destacó el proceso creativo inherente a las narrativas oníricas que, al igual que la invención artística, pone en movimiento cadenas asociativas que conducen a procesos de significación, elaboración y producción de sentidos.

2

Palabras clave: *Sueños; Pandemia; Política; Arte; Psicoanálisis.*

INTRODUÇÃO

Após o Decreto Legislativo nº 6 (2020), o qual reconheceu a pandemia como um estado de calamidade pública, o modo de vida de toda população se alterou radicalmente. O governo brasileiro, nesse momento, foi marcado por políticas de retrocessos e de ameaça à vida e à democracia. No caso, estávamos sob o governo Bolsonaro que não tomou as devidas providências para salvar vidas, principalmente, as das pessoas em situação de vulnerabilidade social. Neste sentido, não houve quem saísse imune ao evento pandêmico causado pelo novo coronavírus, sejam aqueles preocupados com sua própria sobrevivência, sejam aqueles alarmados com os efeitos de uma política de morte, perpetrados pela gestão de extrema-direita. Nosso referencial de mundo transformou-se drasticamente, alterando os modos estáveis de experiência que tínhamos no cotidiano: a imprevisibilidade, falta de senso de controle ou planejamento sobre o futuro, incertezas em relação aos impactos na renda familiar e nos projetos de vida. A morte e a doença se tornaram uma ameaça

constante, acentuando a angústia e o medo da perda frente à tanta indeterminação e ao descaso com as vidas humanas.

Tais mudanças repentinas afetaram a todos de modo a produzir “disjunções na trama das significações e rotinas e se apresenta como destroçamento de mundo” (Imbrizi & Rosa, 2019) colocando-nos em um estado de tensão extrema entre vida e morte, típica de situações de catástrofe (Pereira, 2020). Os impactos psíquicos destas catástrofes podem produzir traumas, considerados como vivência singular com a possibilidade de congelamento psíquico por meio de uma experiência na qual há ausência de recursos simbólicos para elaborar o excesso de estímulos que ameaça à integridade do sujeito (Laplanche & Pontalis, 2001).

O trauma pode ser vivido individualmente, no entanto, impacta todos que se relacionam com aquele que foi traumatizado, assim como quando o acontecimento incide sobre os laços sociais e os vínculos grupais, salientando o caráter coletivo (Reis, 2019) tanto da produção do traumático quanto de sua elaboração. Especificamente sobre a pandemia, não tínhamos recursos simbólicos disponíveis para elaborar essa carga de estímulos decorrentes das mudanças impostas, o que nos exigiu um maior trabalho psíquico para lidar com a ruptura traumática (Dunker et al., 2021).

No Brasil, houve um forte movimento de alguns psicanalistas que elegeram o sonho como dispositivo importante para a elaboração do trauma. Houve um crescimento das pesquisas e intervenções sobre narrativas oníricas, com vistas a criar estratégias de sobrevivência e acolhimento diante de catástrofes humanitárias, tais quais: na oniropolítica (Dunker et al., 2021), na oniricopandemia (Pereira, 2020), nas intervenções grupais (Silva et al., 2021). Na esteira desses trabalhos e a partir de nossa experiência na ação de extensão intitulada *Arte e sonho: Abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes* (Imbrizi, 2020), é que surgiu o nosso interesse em desenvolver um projeto de Iniciação Científica. O primeiro autor deste artigo foi extensionista na principal atividade do projeto de extensão, a Roda de Conversa Sobre Sonhos, cuja proposta é a de compartilhar experiências oníricas entre estudantes universitários e promover a circulação da palavra por meio da associação livre do sonhante e das reverberações produzidas no grupo. Entre as associações que emergiram no dispositivo grupal estavam as manifestações artísticas, como filmes, séries e textos literários. Deste modo, nos perguntávamos: que tipo de articulação teórica e prática é possível estabelecer entre a narrativa onírica, essas manifestações artísticas e o contexto sociopolítico?

Este artigo, portanto, objetiva apresentar os resultados parciais de uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada *Artes visuais e literatura em articulação com a produção onírica de universitários em tempos pandêmicos* (Paegle, 2022), a qual teve apoio do CNPq e ocorreu de 2021 até 2022.

Para este artigo, apresentamos as relações entre a teoria do sonho em psicanálise, as contribuições dos estudiosos da relação arte e psicanálise, o trauma, o contexto sociopolítico da pandemia e o nosso método de trabalho. Escolhemos para análise um sonho

e os dados da entrevista de uma das participantes de modo a produzir ressonância com uma psicanálise implicada no contexto social (Rosa et al., 2017) e a abarcar suas relações com as manifestações artísticas e a política.

SONHOS NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO TRAUMA

A discussão sobre a importância dos sonhos não é recente. Freud (1900/2019) já se opunha ao posicionamento geral da ciência de sua época, que considerava o sonho como processo somático responsável pela ativação aleatória de memórias. Ao contrário disso, o psicanalista afirma haver uma continuidade entre a vida de vigília e a produção onírica, de modo que tal produção seja dotada de sentido. As experiências vividas no dia anterior ao sonho são fontes capazes de selecionar memória de qualquer período da vida, desde que haja um vínculo com essas experiências recentes, denominadas restos diurnos.

Freud (1900/2019) desenvolveu um método de interpretação dos sonhos cujo prerequisite para acessar o inconsciente dependia de um esforço de auto-observação, no qual renuncia a critérios racionais e temporais que subsidiam os modos de pensamento vinculados às atividades práticas na vida de vigília. O sonhante comunica o que vem à mente por meio de associações livres, por sua vez as cadeias associativas revelariam o “pensamento de fundo” do sonho, isto é, uma manifestação do inconsciente. Com esse pressuposto, Freud revolucionou a teoria dos sonhos ao colocar o sonhante como protagonista do material onírico e de suas associações. Isso garantiu ao sonho uma condição de alicerce para a psicanálise, tornando-se via régia para a investigação do inconsciente.

A interpretação do sonho na teoria freudiana, significa, então, revelar o trabalho do sonho que transforma o pensamento latente em conteúdo manifesto, cujos mecanismos de transformação são a condensação, o deslocamento e a figurabilidade. Esses três mecanismos resultam na elaboração do sonho, muito embora Freud (1900/2019) tenha acrescentado um quarto fator na formação dos sonhos: a elaboração secundária. Esta se caracteriza por um esforço de tornar a experiência onírica compreensível ao ser transmitida para outra pessoa, diminuindo o caráter *nonsense*, absurdo e desconexo do sonho, aproximando-se do pensamento desperto. Freud propõe que quanto maior for o trabalho da elaboração secundária mais coerente é o sonho, porém ele faz uma ressalva: por mais que o sonho seja dotado de sentido, este se afasta do significado real do sonho.

Freud, a partir do método associativo, deduz que a função do sonho é manter o sujeito em estado de sono por meio da realização alucinatória de um desejo sexual infantil deformado. No entanto, a teoria dos sonhos sofreu modificações com o avançar da construção da teoria psicanalítica em suas relações com as transformações históricas e sociais. Após o desenvolvimento da teoria das pulsões e da definição da neurose traumática, houve o aparecimento do enigma advindo dos sonhos traumáticos dos soldados veteranos da Primeira Guerra Mundial, que se estruturam em repetição de cenas que causavam angústia – como as experimentadas nas trincheiras. Desta forma, os sonhos traumáticos

seriam orientados por uma força motivadora diferente, ainda mais elementar que o princípio do prazer, manifestada pela função de realização de desejo do sonho (Freud, 1920/2010). Com isso, há exceções à primeira teoria dos sonhos: o retorno dessas cenas no conteúdo onírico não está relacionado somente com a realização do desejo, mas sim como uma tentativa psíquica de dominar o que ainda não foi elaborado (Ab'Sáber, 2005).

Sándor Ferenczi (1934/2011, p.128), em um texto publicado postumamente intitulado “Reflexões Sobre o Trauma”, destaca a função traumatolítica do sonho que está relacionada a tentativa de elaborar os choques e traumas do cotidiano advindos da vida de vigília. Nas palavras do psicanalista húngaro: “todo e qualquer sonho ainda o mais desagradável é uma tentativa de levar acontecimentos desagradáveis a uma resolução e a um domínio psíquico melhor”. Ele estabelece a distinção entre o sonho primário, no qual há a repetição traumática-neurótica e o sonho secundário que apresenta um domínio parcial do trauma, enfatizando o acesso direto às impressões sensíveis. Neste sentido, em Ferenczi há uma valorização do mecanismo da figurabilidade no sonho, pois ele pode mostrar, produzir, presentificar e tornar visível o invisível e indizível.

Sobre esta tentativa psíquica de elaboração é possível fazer referência ao livro da jornalista Charlotte Beradt (2017), “Sonhos no Terceiro Reich”, que nos indica a possibilidade de considerar a narrativa onírica em sua forma literária e localizar o que nela revela sobre a invasão do contexto sociopolítico de opressão no cenário criado pelo sonhante.

A autora, após coletar 300 sonhos durante o período de ascensão do nazismo de 1933 a 1939, localiza o que há de comum entre eles, evidenciando relações humanas perturbadoras que, mais tarde, se confirmariam no governo nazifascista. “Dessa forma, sonhos poderiam ajudar a interpretar a estrutura da realidade prestes a se tornar um pesadelo” (Beradt, 2017, p. 34). Em outros termos, tomar a produção onírica como analisador da cultura, a partir de uma leitura de “ordem social-psicológica” (Mezan, 2021). Essa hipótese adquire consistência com um estudo realizado com crianças que viviam em zona de guerra na Faixa de Gaza nos anos 1990. De acordo com os resultados obtidos, essas crianças apresentaram com maior frequência sonhos violentos como continuidade da experiência de vigília. Isso quando comparado aos sonhos de crianças jordanianas e finlandesas cujas narrativas oníricas possuíam enredos pacíficos (Sidarta, 2019). Trata-se, portanto, de reconhecer no sonho reflexos das situações dramáticas vivenciadas no cotidiano (Mezan, 2021).

Tratamos, a partir do exposto, de destacar como premissa esse olhar do sonho enquanto uma narrativa que indica aspectos da nossa própria cultura. Não está em jogo, nesse tipo de abordagem do material onírico, a necessidade de analisar o desejo do sonhante e muito menos localizar um simbolismo universal que decifre as imagens que cada sonho criou de maneira singular (Figueiredo & Souza, 2021). Nosso foco é o conteúdo manifesto - aquele material que após a elaboração secundária do sonho oferece um relato minimamente inteligível para quem escuta a narrativa onírica - pois é por meio dele que o absurdo da realidade se revela (Almeida, 2007). Portanto, nos perguntamos se os sonhos,

coletados no Brasil de 2021, teriam algo para testemunhar sobre os ataques à democracia e à gestão da pandemia. À despeito disso, consideramos que o que vivemos no Brasil durante o coronavírus e sob o descaso do governo Bolsonaro explicitou as incongruências de uma estratégia governamental que não respeitou a vida de seus cidadãos.

A FIGURABILIDADE

Freud (1900/2019), ao longo do seu livro “A interpretação dos sonhos”, recorre às aproximações com a arte em diferentes momentos do texto para desenvolver a sua teoria do sonho. Ele faz uso da poesia, por exemplo, para comparar o fato de que tanto a forma poética quanto o sonho permitem diferentes interpretações. O psicanalista apresenta também elementos da dramaturgia para elucidar a vida psíquica e construir sua interpretação dos diferentes elementos presentes nas manifestações oníricas. Ademais, a poesia ou o teatro são tidos como resto diurno instigador do sonho, da mesma maneira que as tragédias, pinturas e romances e, podemos acrescentar na atualidade, os filmes e séries. Cabe destacar que tanto o cinema como o sonho transformam ideias abstratas em imagens.

Apesar de o cinema ser contemporâneo ao surgimento da psicanálise, Freud não demonstrou interesse pela sétima arte (Rivera, 2008). A despeito disso, é possível fazer aproximações entre sonho e cinema, pois são articulados à medida que “o sonho apresenta uma produção singular de imagens em movimento, de caráter alucinatorio e, portanto, em geral, acompanhadas de uma forte impressão de realidade” (Rivera, 2008, p. 19) e essa realidade é apresentada a partir de um encadeamento de cenas como em um filme. Tanto no sonho quanto nos filmes, as imagens são um meio de expressar uma teia de pensamentos.

A partir das figuras criadas, cinema e sonho possuem a potência de pôr em xeque o que está naturalizado, trazendo reflexões que problematizam e historicizam a realidade (Rivera, 2008). Aproximar a experiência onírica de uma leitura de ordem social-psicológica é uma tentativa de elucidar os processos de tradução do indizível e do inaudível em figuras. Da mesma forma, podemos apresentar a leitura de Frayze-Pereira (2006), um estudioso do campo de pesquisas da relação entre psicanálise e arte, que afirma que o artista nos presenteia com diferentes possibilidades de apreender a realidade

A narrativa onírica, sob esse viés, surpreende o sonhante, colocando-o em uma posição de investigação das percepções que o visível lhe oferece (Frayze-Pereira, 2006). Ao lê-la, a narrativa nos incita a refletir sobre o trabalho do sonho vinculado às considerações pela figurabilidade (Pereira, 2020), agenciando processos de “mostração”, criação e imaginação, de maneira semelhante ao que acontece quando um espectador está diante de uma obra de arte.

Para Didi-Huberman (1998; 2013), a imagem é o que escapa do que é visto a olho nu, pois uma obra – seja ela uma pintura, escultura ou um desenho – por mais simples que

possa parecer, não se esgota naquilo que é visto. Isto significa que a imagem não se encerra no que é aparente, o que a torna capaz de produzir uma dialética, já que há algo nela que nos interpela. O autor ainda propõe que em tais estéticas há um convite ao espectador para que ele se permita ir além da superfície que possibilitaria uma “rasgadura” na imagem (Didi-Huberman, 2013). Ou seja, para estar aberto à dimensão visual, é preciso, paradoxalmente, fechar os olhos para “não mais vê-la, mas olhá-la” (Didi-Huberman, 2013, p. 206).

A imagem, portanto, não é restrita ao iconográfico, pois isso seria a “figura figurada”, ou seja, fixada em um objeto. Todavia, para o filósofo, a imagem é uma “figura figurante”, que convoca o espectador a percorrer as trilhas das quais levou o processo de figuração, isto é, o processo de “vir a ser visível” (Didi-Huberman, 2013, p. 187). O filósofo, em seu livro “Diante da Imagem” (2013), recorre à obra “A Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900/2019) para explicar essa potência de deformação contida em uma imagem, na qual o caminho da interpretação é o da associação livre que guia os processos de figuração. Desse modo, Didi-Huberman (2013) resgata aspectos de como o sonho trabalha, o que nos inspira a estabelecer um paralelo entre “figura figurada” com o conteúdo manifesto e a “figura figurante” com o conteúdo latente.

A possibilidade de narrar o conteúdo manifesto do sonho propicia expor um pano de fundo latente, o qual permite acesso a diferentes camadas oriundas das estruturas e significações subjetivas. Nesse sentido, o “visível, e tangível, de modo geral o sensível, não se limitam ao que aparece na superfície” (Frayze-Pereira, 2006, p. 118), colocando em movimento cadeias associativas que levam a processos de significação. Isso permite que os sonhos possuam essa capacidade de “formular uma pergunta nunca antes direcionada ao sujeito e, desta forma, favorecem mudanças de posição subjetiva diante das agruras da vida que, por sua vez, viabiliza transformar mundos e apontar novos horizontes políticos” (Imbrizi et al., 2021, p. 27).

7

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória que se utilizou da abordagem psicanalítica, especificamente das investigações de ordem social-psicológica na qual considera a possibilidade de invasão de situações sociais trágicas no espaço onírico (Mezan, 2021). Trabalhamos, sob estratégia clínico-política (Rosa et al., 2017), com a hipótese de que os sonhos fizeram uma captura sensível do momento pandêmico. Tal captura nos coloca perante uma “poética da ‘representabilidade’” (Didi-Huberman, 1998). O sonho, portanto, incita a retomar esse processo de figuração que Freud (1900/2019, p. 382) nomeou de “consideração pela representabilidade”⁵. Considerando esse processo, podemos inferir que quando ouvimos a narrativa onírica, é uma escuta-olhar, uma vez que há

⁵ O termo representabilidade e figurabilidade são tomados como sinônimos ao traduzir o *Rücksicht auf Darstellbarkeit* como consideração da figurabilidade ou da representabilidade (Laplanche & Pontalis, 2001).

possibilidade de essas narrativas despertarem no ouvinte novos processos estéticos e figurativos com aquilo que o inquieta. Há implícito um convite ao ouvinte a retomar o gesto que o sonho criou (Merleau-Ponty, 1960, como citado em Frayze-Pereira, 2006), postura semelhante à de um espectador diante de uma obra de arte (Didi-Huberman, 1998; 2013).

Para o desenvolvimento da pesquisa de Iniciação Científica⁶, cinco relatos de sonhos, narrados no período de setembro de 2020 a março de 2022, foram analisados. Para este artigo, escolhemos um desses sonhos que foi apresentado no dia 19 de julho de 2021. Como referido, as narrativas oníricas foram compartilhadas no dispositivo grupal do projeto de extensão e esse sonho foi escolhido por conta de que seus elementos faziam alusão ao contexto sociopolítico e a uma produção cinematográfica crítica às desigualdades sociais brasileiras.

Atribuímos o nome fictício de Ana para a participante e a convidamos para uma entrevista semiestruturada com o objetivo de refletirmos sobre os possíveis atravessamentos entre sonho, política e manifestações artísticas. Nesse sentido, as perguntas disparadoras para a conversa foram: “qual o afeto presente na atmosfera onírica?”; “como percebe a relação entre arte e o sonho?” e “como percebe um posicionamento político nesse sonho?”. Durante a entrevista, junto com a participante, atribuímos o título Medo Seco para o sonho.

8

O SONHO: MEDO SECO

“O sonho começa numa cena na qual eu estou em cima de uma calçada do lado direito de uma rua muito longa, a calçada é muito alta e a pista é de terra. Quando eu começo a andar nessa calçada tem pessoas atrás de mim, eu ouço uns murmúrios de que está tendo vacinação, eu ando em linha reta. Eu chego a uma casa, que parece um porão que tem um cômodo apenas. Eu entro pela porta e há cadeiras e uma mesa escolar, onde são avistadas três pessoas: uma sentada e duas de pé. Eu pergunto sobre a vacinação e elas vão aplicar em mim. É um lugar bem simples, bem rústico e tem cadeiras que parecem de missa evangélica. Eu reparo que aquela seringa é muito escura, parece água terrosa, água suja. Eu acho estranho porque ela não pega meu cartãozinho e eu a questiono. Uma delas responde que quando a vacina sair, eu poderia me vacinar de novo. E nesta cena na qual ela acabou de aplicar em mim, aparecem pessoas gritando e chorando, passando mal com a vacina. Nesse instante, eu começo a indagar o que estão colocando na gente. Elas se olham, há um corte na cena e advém outra. Eu estou do lado esquerdo da mesma rua infinita, com muitos prédios abandonados, antigos, como se fosse o fim do mundo. Está tudo destruído,

⁶ A pesquisa respeitou os cuidados éticos necessários para sua realização. A participação voluntária se deu mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNIFESP) n: 1024/2021. CAAE: 51273321.3.0000.5505. A sonhante entrevistada recebeu o pseudônimo de Ana.

muita terra e um ar seco. Eu começo a andar e passo por muita gente chorando. Eu olho pela janela e tem uma televisão, está passando o jornal, o noticiário é sobre três bandidos. Eu sei quem são eles, mas é muito estranho porque parece que não estão ganhando nada com isso. Vejo muitas pessoas que estão sofrendo e chorando. Eu pensei: eles estão nos matando. A hora que eu acordei, veio a cena do filme Bacurau.”

Atravessamentos Sociopolíticos no Sonho

Por meio de uma leitura de ordem social-psicológica (Mezan, 2021) e clínico-política (Rosa et al., 2017), é possível afirmar que essa narrativa ocupa uma posição significativa na compreensão de como o contexto pandêmico afetou as produções oníricas. Para Kosellek (2006, citado por Gondar, 2021, p. 145), os sonhos que se referem a situações traumáticas “são imagem-testemunhas de uma linguagem emudecida. Eles equivalem a retratos da alma e iluminam a situação dos perseguidos pelo terror, mostrando uma clareza maior do que qualquer imagem exterior é capaz de fazer”. Desse modo, tornar o sonho público permite a criação de uma narrativa ficcional que possibilita que o sujeito se repositone no laço social (Rosa, 2012) ao colocar em circulação palavras que antes estavam silenciadas e ao circunscrever os aspectos históricos dos fatos sociais e políticos (Rosa et al., 2017).

No que se refere aos restos diurnos que podem ter disparado a produção onírica de Ana, podemos destacar que no dia em que o sonho foi compartilhado, o número de mortes por COVID-19 já se aproximava de 543 mil. O mês de julho foi marcado por denúncias de esquemas fraudulentos na aquisição de vacinas pelo Ministério da Saúde, mobilizações acerca da união dos mais de 100 pedidos de *impeachment* já entregues à Câmara dos Deputados em um único documento. Por fim, o Ministério da Saúde soltou uma nota que reconhecia que a cloroquina era ineficaz como opção de tratamento contra o COVID-19, após meses de propaganda do então ex-presidente Jair Bolsonaro acerca do uso *off label* desse medicamento.

Para Birman (2021), os brasileiros passaram por momentos de desamparo e desalento. A falta de um discurso convergente entre ciência, medicina e política inviabilizou a possibilidade de emergir uma figura de confiança capaz de conter e dar contornos a angústia vivenciada pelo cidadão. “Com efeito, sem saber com quem contar para lhe proteger, o sujeito se sente entregue ao acaso e ao indeterminado” (Birman, 2021, p. 136). O sonho apresentado, de algum modo, põe em evidência esse acaso ao qual fomos lançados e certo desalento de um sujeito que já não tem para quem ou como apelar por uma ajuda.

A Entrevista

Podemos afirmar que o sonho “Medo seco” faz um registro sensível desse momento histórico e é um sonho secundário (Freud, 1914/2011), pois há uma tentativa de elaboração das angústias advindas de um contexto sociopolítico adverso. Em entrevista, a

sonhante afirma que o título atribuído ao sonho remete à expressão “engolir em seco” que, de acordo com o verbete do dicionário, significa “Ficar preocupado, nervoso, aflito” ou “Não responder a uma ofensa, injustiça ou humilhação, reprimir uma reação; calar-se” (Dicio, 2021). É possível pensar que ambos significados da expressão aparecem no enredo do sonho como uma forma de elaborar as percepções da vida de vigília. A preocupação e aflição, em virtude dos riscos e sequelas de um possível contágio do vírus; e as impossibilidades sentidas pela sociedade civil de dar uma resposta aos absurdos daquela situação e que pudesse frear as ações negacionistas do governo e a insensibilidade do ex-presidente da república. Falas como “E daí? Eu sou Messias, mas não faço milagre...” enunciadas por Jair Bolsonaro durante a crise sanitária, foram engolidas em seco.

Durante a entrevista com a sonhante, ela descreve sua experiência onírica como muito impactante, pois diz ter se sentido em um estado conturbado de medo, ao mesmo tempo que se continha sem expressar resistência. Estarrecida diante do sofrimento das pessoas, começa a questionar o que seria essa aplicação de água terrosa. A partir dessa pergunta, Ana compartilha sua reflexão sobre aquilo que o visível lhe oferece. Assim, se aproxima de uma imagem-testemunho sobre o sonho quando diz “eu vejo muito de todo o sonho como um quadro, sabe? No sentido que ele poderia ficar em uma moldura como um marco histórico, como um [marco] artístico”. Tomamos esse sonho como uma imagem-testemunho, porque nele podemos notar sinais da realidade externa que produziram terror e angústia.

10

A associação entre medo e *secura* presentes no conteúdo manifesto nos remete à ideia dos médicos da modernidade que compreendiam, como manifestação de um estado melancólico, o “sonho sombrio e interminável, que arrasta o sonhador para o tudo ou nada. E, sobretudo, um sonho frio e seco: que esfria e seca o desejo” (Silva, 2008, p. 293). Ao ser questionada a respeito dos afetos presentes no sonho, Ana responde:

Eu não sei qual é o afeto no meu sonho, o tempo todo é seco. Não no sentido neutro, mas um seco misturado com medo. Mas não um medo apavorante. Eu estava a todo momento sem saber o que estava acontecendo e ao mesmo tempo sabendo o que estava acontecendo.

O sonho, portanto, pode ser compreendido “como processo capaz de desfazer afetos paralisantes, e transformá-los em angústia e ligá-los a figuras” (Pereira, 2020, p. 106). Essa sensação de não ter conhecimento do que acontecia se assemelha ao que acontece na vida de vigília. Naquele momento estava acontecendo a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia que trouxe à tona aquilo que se “sabia sem saber”, pois no contexto sociopolítico vivíamos o momento em que depoimentos prestados à CPI, a diretora-executiva da Anistia Internacional Brasil, Jurema Werneck e o epidemiologista Pedro Hallal declararam que estava acontecendo um excesso de mortes que poderia ter sido evitado no

Brasil. Milhares de vidas foram perdidas por não haver no país um alinhamento do governo federal com as medidas sanitárias (Senado Federal, 2021).

Freud usa o termo “recusa” para atribuir um modo de defesa no qual o sujeito se nega a reconhecer uma percepção angustiante presente na realidade (Laplanche & Pontalis, 2001), logo se refere à dificuldade de os sujeitos entrarem em contato com afetos arcaicos de nossa estrutura, como a angústia e o terror (Pereira, 2020). O sonho faz o oposto, traz à superfície, faz ver e retira das sombras o medo. A despeito disso, o sonho “medo seco” faz a sonhante despertar para uma percepção da realidade mais apurada, se opondo aos processos de recusa que impedem Ana de entrar em contato com o incômodo (Imbrizi et al., 2021) e de ser afetada pelos acontecimentos políticos e pelo vírus.

No caso da sonhante, o sonho coloca em evidência questões que durante a vida de vigília eram da ordem do insuportável e, por esta razão, ela se esquivava do que acontecia no país em relação às vacinas para preservar um “bem-estar”. O sonho a coloca, novamente, diante de uma repetição referida a certa reação e atitudes que poderiam ser tomadas diante da situação. Podemos afirmar que uma das funções do sonho de Ana é “fazer uma primeira captura propriamente psíquica de uma vivência de terror que, por repetição, pode recolher e ligar os fragmentos do vivido” (Pereira, 2020, p. 113). No sonho, Ana aponta “estamos apavorados”, ao mesmo tempo em que afirma se sentir anestesiada.

11

Associações com o filme Bacurau

Ana afirma que assim que despertou do sonho emergiram em sua mente imagens do filme Bacurau (Dornelles & Mendonça, 2019) devido a semelhanças presentes no cenário onírico: a aridez e simplicidade do ambiente rústico e certas figuras de violência rotineira. Iannini et al. (2021, p. 61) afirmam que: “As imagens das criações ficcionais, livros, filmes, pinturas etc. parecem emprestar aos sonhos ferramentas para elaboração inconsciente dos restos diurnos”.

O cinema se utiliza de recortes de cenas para montar um filme, resultando em uma narrativa, em uma história. O trabalho do sonho de maneira semelhante faz esse recorte, essa montagem de cenas. Já o processo de elaboração secundária edita as figuras criadas durante o sonho nos apresentando um trabalho final no qual quanto mais bem editada mais coerente é o sonho. Podemos afirmar que em “Medo Seco” a narrativa é pouco distorcida. As cenas oníricas são encadeadas de modo que oferece um enredo coerente e, aparentemente, linear, ocorrendo uma sucessão temporal na qual a narrativa se divide em introdução, desenvolvimento e conclusão. Essa maneira de sonhar, na qual os sonhos diminuem o seu caráter *nonsense*, é típica de momentos de catástrofe, como os da pandemia e se aproximam da forma dos sonhos da década de 1930 coletados por Beradt (2017).

A respeito do filme Bacurau (2019), é possível destacar que sua narrativa inicia em um caminho extenso, no sertão brasileiro, em que Teresa – personagem interpretada por

Barbara Colen – retornando à sua cidade natal, junto ao motorista do caminhão pipa, avistam pelo trajeto vários caixões jogados pela estrada. Ao chegarem à cidade, as ruas estavam vazias, Teresa segue seu caminho a pé pela rua de terra batida. Nessa cena é possível observar que a altura da calçada é maior que a que estamos habituados nos centros urbanos, também se nota a simplicidade das casas e da igreja. No percurso, a personagem do filme encontra um conhecido que lhe fala “abra a boca” (Dornelles & Mendonça, 2019) e seu colega coloca uma pílula nela. Teresa engole sem questionar e continua caminhando até chegar ao velório de sua avó, onde os habitantes da cidade estavam reunidos.

Por sua vez, a sonhante Ana no cenário onírico chama a nossa atenção para essas características do ambiente: a simplicidade do local, uma casa “rústica” e, de forma hiperbólica, a altura da calçada e a extensão da rua ao caracterizá-la como infinita. Além das semelhanças entre os cenários que aparecem no sonho e no filme, ambos enredos se aproximam, pois iniciam com o estranhamento da situação. Em Bacurau (Dornelles & Mendonça, 2019) há a presença de caixões na estrada, depois, no decorrer do filme, o caminhão pipa furado por balas, a presença de estrangeiros na cidade e o aparecimento de drones e assassinatos. No sonho, há a aplicação de uma vacina “clandestina”, uma vez que não foi solicitada a carteira de vacinação e o surgimento de pessoas sofrendo pelo efeito da aplicação da “água terrosa”.

Tanto no sonho quanto no filme há uma característica contraditória comum: a representação por imagens que encobre algo, e que ao mesmo tempo deixa transparecer o que é. Rivera (2005) aborda a imagem como uma representação que não é mero reflexo da realidade e nem se esgota em si, ou seja, o que é visível possui a potência de transformar em palavras colocando em movimento uma investigação para ver o que se esconde na imagem. No entanto, o que se vê escondido depende do observador, de um ponto de vista a partir do qual olha para essas imagens, colocando em jogo uma relação dialética entre “figura figurada” e “figura figurante” (Didi-Huberman, 2013).

Há, também, uma forma semelhante de apreensão crítica da realidade. No sonho, o que aparece em jogo é a necropolítica, reflexo da nossa realidade pandêmica, à medida que a “vacina” é aplicada para gerar um sofrimento; no filme, a necropolítica se apresenta por meio de um safári humano em Bacurau, uma cidade sem valor lucrativo na lógica econômica neoliberal. Os dois casos evidenciam como a vida de alguns está sendo desvalorizada e é administrada por meio de uma racionalidade instrumental que menospreza a dimensão afetiva e, por consequência, a desumaniza (Junior, 2020). Outro ponto de inflexão no que se refere à ideia de necropolítica pode ser tomada de Mbembe (2019). O filósofo camaronês, ao analisar situações nas quais populações são colocadas em condições subumanas (com cada vez menos recursos sociais, materiais e simbólicos, deixando os sujeitos mais expostos aos riscos de vida do que outros, seja nas pandemias, seja nas relações de trabalho), acaba conferindo-lhes o estatuto de condenados à morte. Ao contrário da política do semelhante, a necropolítica estabelece a cisão entre a nossa vida e a vida do outro, a vida “sempre nos aparece como a vida de um outro, de pessoas outras num outro lugar qualquer longe de nós,

lá fora” (Mbembe, 2018, p. 98). Ou seja, há a impossibilidade de uma atmosfera comum entre eles e nós e a política do nosso mundo não tem como ser uma política do semelhante. A pergunta que ressoa é: Como resistir a essa política da morte?

O sonho e o filme seguem caminhos distintos para resistir àqueles que agem para nos matar. O filme indica uma solução frente a essa ameaça: a união coletiva e a utilização das armas que estão no museu, pressupondo o resgate de objetos que fazem parte da memória da própria história da cidade. O sonho, por sua vez, desperta a sonhante, e ao ser compartilhado e “re-sonhado” no espaço grupal proporcionado por um projeto de extensão universitária, nos interpelou diante de nossa passividade frente às atrocidades de um governo de extrema direita que ameaçou a população. Kaës (2004) afirma que um sonho compartilhado em grupo se transforma em propriedade coletiva, pois passa a pertencer a todos que puderam escutá-lo e produziram cadeias associativas grupais.

Bacurau (Dornelles & Mendonça, 2019) e “Medo Seco” são uma alegoria do subsolo contemporâneo brasileiro. Ambos traduzem, em cenas, o horror de situações desumanizadoras perpetuadas na história nacional. Esse conteúdo aparece ao ser percebido o conjunto de violências de Estado, seja pelo descaso da gestão da pandemia seja pelo abandono das populações em situações de vulnerabilidade que pode produzir em cada um de nós a sensação de que estamos submetidos a uma vida seca, a esperança minguada e ao extermínio silencioso. Com isso, concluímos que o sonho não é, somente, um aglomerado de imagens, são conteúdos inscritos psiquicamente que possuem designações diferentes para além do que é explícito (Rivera, 2005).

13

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as transformações ocorridas nas esferas políticas, sociais, econômicas, éticas e científicas, a pandemia do COVID-19 foi um acontecimento decisivo que produziu alterações radicais nas formas de vida e sociabilidade. Mesmo sendo um fenômeno mundial, o registro que se faz em cada um se dá de maneira muito singular, uma vez que as “estruturas subjetivas não são da ordem dos acontecimentos, mas resultam da transformação das relações entre o exterior e o interior” (Frayze-Pereira, 2006, p. 88). Em suma, estávamos no Brasil lidando com o aumento da disseminação do vírus, consequente aumento de óbitos, ausência de medidas estratégicas de preservação da vida por parte do governo, o qual flertou com o autoritarismo.

O sonho, enquanto processo psíquico, foi uma ferramenta clínico-política que permitiu aproximar acontecimentos históricos atuais e o registro intrapsíquico. Na situação de entrevista, podemos considerar o sonho como intervenção analítica e de testemunho do nosso tempo. Nesse sentido, esse artigo atingiu seu objetivo ao conseguir apresentar um dos sonhos analisados na pesquisa de Iniciação Científica em suas articulações com a teoria dos

sonhos em psicanálise, com os estudiosos de psicanálise e arte e com um determinado contexto sociopolítico.

Na entrevista, pudemos oferecer um ambiente propício para o compartilhamento dos pensamentos, afetos e das vivências pessoais **que** permitiu construir um espaço de cuidado no qual o sonho foi o disparador de associações e reflexões durante o encontro entre entrevistador e entrevistada. Segundo Frayze (2006), a condição indispensável para o funcionamento psíquico está baseada no direito à liberdade de criar pensamentos.

Tendo o sonho como disparador da conversa, é importante ressaltar que “a linguagem, no trabalho do sonho [...] é densa, literal e cheia de nós e umbigos, pontos cegos que desafiam e vão além da significação para nos atingir como verdadeiros acontecimentos, exatamente como na poesia e na arte” (Rivera, 2018, p. XXVI). Também é necessário pontuar que lembrar e contextualizar a maneira particular de governança que se deu no Brasil em meio a tantas crises em curso é uma condição necessária para compreendermos os impactos no psiquismo (Birman, 2021) observado no relato onírico apresentado. Nesse sentido, a nossa aposta está na importância de se reconhecer na produção onírica um arranjo que aponta tanto para o íntimo de quem o sonhou, como para uma forma sensível de apreender a experiência social e coletiva de estranhamento e horror durante as catástrofes climáticas e humanitárias.

O sonho privilegiado para ser analisado neste artigo nos transporta para um cenário seco e devastado, no qual acontece a violência de modo gratuito e sem qualquer tipo de reação a favor da vida. Na narrativa onírica “medo seco”, o clima tenso e de pavor no sonho nos coloca perante uma imagem-testemunho, possibilitando que vivencemos o absurdo antes mesmo da percepção e reflexão crítica sobre a realidade absurda se realizar. Isto posto, é possível considerar o caráter documental do sonho como um testemunho das atrocidades que a cultura da nossa época produz (Beradt, 2017), bem como o seu caráter criativo ao expressar uma pluralidade de pensamentos e afetos por meio de uma forma singular de compor as cenas oníricas. Portanto, assinalamos que os sonhos possuem a potencialidade de nos guiar para diferentes horizontes políticos e, dessa forma, promover transformações nos modos que nos posicionamos no mundo ao figurar aquilo que estava invisibilizado ou silenciado.

14

REFERÊNCIAS

Ab’Sáber, T. (2005). *O sonhar restaurado: formas de sonhar em Bion, Winnicott e Freud*. Ed. 34.

Almeida, J. D. (2007). Sobre os sonhos e o surrealismo: Theodor Adorno e André Breton. *Literatura e Sociedade*, 12(10), 118. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i10p118-127>

Paegle, P. A. M., Oliveira, B. F., & Imbrizi, J. M. (mês/ano). Medo Seco: interpelações sociopolíticas e artísticas de uma experiência onírica. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 5, e025002.

Beradt, C. (2017). *Sonhos no Terceiro Reich: Com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. Três Estrelas.

Birman, J. (2021). *O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas* (2a ed.). Civilização Brasileira.

Decreto Legislativo nº 6, de 2020. Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020 (2020). https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/dlg6-2020.htm

Dicio. (2021). Engolir em seco. In *Dicionário Online de Português*. <https://www.dicio.com.br/engolir-em-seco/>

Didi-Huberman, G. (1998). *O que vemos, o que nos olha*. Ed. 34.

Didi-Huberman, G. (2013). *Diante da imagem*. Ed. 34.

Dornelles, K., & Mendonça Filho, G. (2019). *Bacurau* [Filme]. Cinema do Brasil.

15

Dunker, C., Perrone, C., Iannini, G., Rosa, M. D., & Gurski, R. (Orgs.) (2021). *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Autêntica.

Ferenczi, S. (2011). Reflexões sobre o trauma. In *Obras Completas: Psicanálise IV*. Martins Fontes. (Trabalho publicado em 1934).

Figueiredo, L. C., & Souza, O. (2021). Oniricopandemia: reflexões, expansões e desdobramentos. In A. B. Pereira, & N. E. Coelho Jr., *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo* (pp. 43-55). Zagodoni.

Frayze-Pereira, J. A. (2006). *Arte, dor: inquietudes entre estética e psicanálise*. Ateliê.

Freud, S. (2010). *Além do princípio do prazer*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).

Gondar, J. (2021). Sonhos, autovacina e hipertexto. In A. Pereira & N. C. Junior (Orgs.), *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo* (pp. 143-156). Zagodoni.

Paegle, P. A. M., Oliveira, B. F., & Imbrizi, J. M. (mês/ano). Medo Seco: interpelações sociopolíticas e artísticas de uma experiência onírica. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 5, e025002.

Iannini, G., Rena, A., Britto, A., Cabral, A., Bossa, D., Siqueira, F., ... Brun, O. (2021). "Casa": sonhos infamiliars. In C. Dunker, C. Perrone, G. Iannini, M. D. Rosa, & R. Gurski. *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia* (p. 25-33). Autêntica.

Imbrizi, J. M. (2020). *Arte e sonho: Abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes*. Projeto de Extensão Universitária Unifesp – Baixada Santista, Santos, SP, Brasil, aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unifesp (PROEX) em jun. 2020, cadastrado com Código PROEX: 17774 em <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/siex-frame> (Texto não publicado).

Imbrizi, J. M., Gomes, M., & Binkowski, G. I. (2021). O trem da vida e o metrô para a morte: arte e sonho interpelam sujeitos políticos em tempos pandêmicos. *Deslocamentos*, 2, 26-49. <https://periodicos.furg.br/des/article/view/12797>

Imbrizi, J. M., & Rosa, M. D. (2019). A desconstrução do discurso sobre trauma em dois filmes de Eastwood: uma contribuição das intervenções psicanalíticas clínico-políticas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 22(3), 280-289. <https://doi.org/10.1590/1809-44142019003003>

16

Kaës, Rene. (2004) *A Polifonia do Sonho*. (C. Berliner, Trad.). Ideias e Letras.

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4a ed.). Martins Fontes.

Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra*. N-1.

Mbembe, A. (2019). *Necropolítica*. N-1.

Mezan, R. (2021). Sonhos na pandemia. In A. Pereira & N. C. Junior (orgs.). *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo* (pp. 59-74). Zagodoni.

Paegle, P. (2022). *Artes visuais e literatura em articulação com a produção onírica de universitários em tempos pandêmicos*. Relatório de Iniciação Científica. Pibic/CNPQ Unifesp. Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNIFESP) n: 1024/2021. CAAE: 51273321.3.0000.5505.

Pereira, A. (2020). Da dor ao sonho: sobre a coleção oniricopandemia. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(2), 105-121.

Reis, E. S. (2019). Transmissão transgeracional – subjetivação do trauma coletivo. *Primórdios*, 6(6), 45-66.
https://cprij.com.br/primordios/06/05_Transmiss%C3%A3o%20transgeraciona.pdf

Rivera, T. (2005). *Arte e psicanálise*. Jorge Zahar.

Rivera, T. (2008). *Cinema, imagem e psicanálise*. Jorge Zahar.

Rivera, T. (2018). Prefácio. O sonho e o século. In S. Freud, *A interpretação dos sonhos: vol. I*. LPM.

Rosa, M. D. (2012). Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clinicopolíticas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, (41-42), 29-40.
<http://www.apoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista41.pdf>

Rosa, M. D., Estêvão, I. R., & Braga, A. P. M. (2017). Clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política. *Psicologia em Estudo*, 22(3), 359-369.
<https://doi.org/10.4025/psicolestud.v22i3.35354>

Senado Federal. (2021). Relatórios da *CPI da pandemia*. Senado Federal do Brasil.
<https://legis.senado.leg.br/atividade/comissoes/comissao/2441/mna/relatorios>

Sidarta, R. (2019). *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. Companhia das Letras.

Silva Junior, N. da. (2020). O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: do “pacto edípico, pacto social”, de Hélio Pellegrino, ao “E daí:”, de Jair Bolsonaro. In V. Safatle, N. da Silva Junior & C. Dunker. *Neoliberalismo: como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 255-282). Autêntica.

Silva, J., Paegle, P., Freitas, J., & Imbrizi, J. (2021). Resquícios da ditadura na narrativa onírica: O trabalho de luto que transcende o pandêmico. *Revista de Psicologia da Unesp*, 20(1), 276-298. <https://doi.org/10.5935/1984-9044.20210014>

Silva, P. (2008). Um sonho frio e seco: considerações sobre a melancolia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11, 286-297.
<https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000200011>

Recebido em: 25/03/2025

Reapresentado em: 06/08/2025

Aprovado em: 08/08/2025

Paegle, P. A. M., Oliveira, B. F., & Imbrizi, J. M. (mês/ano). Medo Seco: interpelações sociopolíticas e artísticas de uma experiência onírica. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 5, e025002.

SOBRE OS AUTORES

Pedro Ainis Malischesqui Paegle é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo (2023). Participante extensionista no projeto "Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das Juventudes". Pesquisador PIBIC de iniciação científica "Artes Visuais e Literatura em articulação com a produção onírica de universitários em tempos pandêmicos". Participei do Diretório de grupos de pesquisa CNPq: Laboratório de Psicanálise, Política, Arte e Sociedade da UNIFESP.

Bruna Ferreira de Oliveira é Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Psicóloga pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Integra o Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura – NUPPEC-Eixo 3/UFRGS e USP e o Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política – PSOPOL/USP.

Jaquelina Maria Imbrizi é Professora Titular na Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista. Coordena o Laboratório Inter Campi de Psicanálise, Política, Arte e Sociedade da Unifesp – Baixada Santista e Guarulhos, cadastrado no CNPq e o Projeto de Extensão Arte e Sonho: a psicanálise nos modos de cuidar das juventudes. É membra do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL-USP).